Relatório de Mercado Agrícola

CEASA/SC

Janeiro/2018 – Nº 14

CEPA
Epagri Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola

GOVERNO DE SANTA CATARINA
Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca

http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/ http://www.ceasa.sc.gov.br/

GOVERNO DE SANTA CATARINA
Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca

Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e Pesca
Moacir Sopelsa

Diretor Presidente da Ceasa/SC
Agostinho Pauli

Diretor Técnico da Ceasa/SC
Albanez Souza de Sá

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Ivan Luiz Zilli Bacic

Diretor de Administração e Finanças
Geovani Canola Teixeira

Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação
Luiz Antônio Palladini

Diretor de Extensão Rural e Pesqueira
Paulo Roberto Lisboa Arruda

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)
Reney Dorow

Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

CEASA / SC

Relatório de mercado agrícola na Ceasa/SC

Janeiro
2018

Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina (Ceasa/SC)
Rodovia BR 101, km 205, Barreiros CEP 88117-901 São José, SC, Brasil
Contato: (048) 3378-1700 Site: www.ceasa.sc.gov.br/ E-mail: ceasa@ceasa.sc.gov.br

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, CEP 88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Contato: (48) 3665-5000 Site: www.epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi CEP 88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Contato: (48) 3665-5078 Site: www.cepa.epagri.sc.gov.br/E-mail: cepa@epagri.sc.gov.br

Equipe Técnica
André Martins de Medeiros – Eng.-agrônomo – Ceasa/SC
Haroldo Tavares Elias – Eng.-agrônomo – Dr. Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Eng.-agrônomo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Economista, Dr. - Epagri/Cepa

Elaboração
Haroldo Tavares Elias - Eng.-agrônomo – Dr. Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Eng.-agrônomo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Economista, Dr. - Epagri/Cepa
Albanez Souza de Sá – Eng.-agrônomo – Diretor Técnico - Ceasa/SC
Caroline Bedin Zannata; Daniel Ferreira Holderbaum; Rubens Onofre Nodari, Dr. – Depto. Fitotecnia do CCA/UFSC

Colaboração
Jane Aparecida Máximo de Souza – Gerente de Informações, Estatística e Análise - Ceasa/SC
Sue Lana Seefeld Ferreira – Orientadora de Mercado - Ceasa/SC
Mauricio Euclydes Mafra – Orientador de Mercado - Ceasa/SC
Edmilson da Costa – Gerente de Abastecimento – Ceasa/SC

Atualização (tabelas e gráficos)
Jane Aparecida Máximo de Souza – Gerente de Informações, Estatística e Análise - Ceasa/SC
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Revisão
Janice Maria Waintuch Reiter – Economista, Ms. - Epagri/Cepa
Juarez Segalin

Este documento é resultado da parceria entre a Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S.A. (Ceasa/SC – Unidade de São José) e o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa).

Sumário

Apresentação 6
Introdução 7
Desempenho da comercialização 8
Desempenho financeiro 11
Banana 13
Batata-inglesa 16
Cebola 19
Maçã 23
Tomate longa vida 26
Resumo expandido 28

Relatório Mensal

Apresentação

Este relatório é resultado da parceria entre as Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S.A. (Ceasa/SC - Unidade de São José) e o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). O documento reúne dados mensais referentes ao volume movimentado, aos preços médios e à origem dos produtos hortifrutigranjeiros, organizados e comercializados pela Ceasa/SC e analisados pelo Epagri/Cepa.

Os objetivos principais desta publicação são: (a) apresentar informações conjunturais referentes à evolução dos dados mensais de cinco produtos representativos em volume e importância econômica comercializados na Ceasa/SC[1]; e (b) informar sobre mercado de hortifrutigranjeiros a agricultores e técnicos envolvidos no processo de produção e comercialização.

O Relatório de Mercado Agrícola na Ceasa/SC pretende fornecer subsídios a instituições públicas e privadas da agricultura, a instituições representativas de classe e a produtores e distribuidores envolvidos na comercialização de hortifrutigranjeiros em mercados atacadistas para a tomada de decisão.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Ceasa/SC <http://www.ceasa.sc.gov.br//> e do Epagri/Cepa, http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//; nesse mesmo site, podem ser resgatadas também as edições anteriores.

[1] Ceasa/SC - Unidade de São José – A sigla Ceasa/SC, sem maiores especificações, compreenderá a Unidade de São José/SC.

Introdução

As informações contidas neste documento referem-se ao desempenho das operações do mercado de hortifrutigranjeiros, e de outros produtos alimentícios e não alimentícios, comercializados no atacado na Ceasa/SC durante o mês de dezembro e à evolução em 2017. O resultado é comparado ao do mesmo período de 2016.

Entre as variáveis consideradas na análise conjuntural, destacam-se: o preço médio ponderado pago por quilo de produto e o volume de hortifrutigranjeiros, além de outros produtos alimentícios e não alimentícios comercializados no entreposto.

A análise conjuntural é realizada por grupo de produtos, divididos da seguinte forma:

- hortaliças de folha, flor, haste e fruto;
- hortaliças de raiz, bulbo, tubérculo e rizoma;
- frutas nacionais e importadas;
- aves e ovos;
- atípicos alimentícios e não alimentícios

Neste Relatório de Mercado Agrícola, a análise conjuntural contemplará o desempenho dos seguintes produtos hortifrutigranjeiros: banana, batata-inglesa, cebola, maçã e tomate relativamente a valor financeiro, volume comercializado e origem. Este primeiro volume de 2018 contará, ainda, com um resumo expandido, que tratará da diversidade de vegetais comercializados “na pedra” na Ceasa - unidade de São José (SC).

Os produtos analisados destacam-se na economia catarinense por seu valor relevante nas Mesorregiões Grande Florianópolis, Sul Catarinense e Serrana, das quais se origina grande parte da produção de hortifrútis comercializados na Ceasa/SC.

Desempenho da comercialização

No mês de dezembro de 2017, o volume de hortifrutigranjeiros, e outros produtos alimentícios e não alimentícios comercializados no atacado na Ceasa/SC, foi de 29,9 mil toneladas.

A participação catarinense no mês analisado foi 29,96% superior à do mês de novembro. O volume comercializado, de 13,7 mil toneladas, correspondeu a 30,08% do total comercializado no atacado, em cujas operações comerciais foi movimentado um valor aproximado de R$ 21,7 milhões.

O volume total - entre hortifrutigranjeiros e outros produtos alimentícios e não alimentícios - negociado no mês de novembro - foi 7,11% superior ao do mesmo mês de 2016.

Tabela 1 – Evolução mensal de produtos comercializados no atacado – Ceasa/SC – nov./dez. 2017

Grupo de Produtos	Quantidade (kg) - 2017		Variação % dez./nov.	Valor (R$ 1,00) - 2017		Variação % dez./nov.
	Vol. total nov.	Vol. total dez.		Valor total nov.	Valor. total dez.	
Hortaliças	**14.216.855,54**	**13.990.836,09**	**-1,59**	**18.867.646,27**	**17.098.028,60**	**-9,38**
Folha, flor, e haste	1.796.802,02	1.890.066,65	5,19	2.230.047,22	2.227.955,25	-0,09
Fruto	4.998.342,72	4.724.464,66	-5,48	6.369.822,96	5.536.048,31	-13,09
Raiz, bulbo, tub., rizoma	7.375.915,61	7.292.139,43	-1,14	9.865.193,09	8.561.740,19	-13,21
Importadas	45.795,19	84.165,36	83,79	402.583,00	772.284,85	91,83
Frutas	**12.551.129,83**	**14.811.900,34**	**18,01**	**28.051.560,18**	**33.212.359,43**	**18,40**
Nacionais	12.267.635,22	14.320.930,79	16,74	26.719.893,78	31.199.656,08	16,77
Importadas	283.494,61	490.969,56	73,18	1.331.666,41	2.012.703,35	51,14
Aves e ovos	**1.141.185,36**	**1.081.889,90**	**-5,20**	**4.295.525,60**	**4.363.349,93**	**1,58**
Atípicos alimentícios	**92.596,08**	**109.941,84**	**18,73**	**427.938,83**	**462.638,33**	**8,11**
Atípicos não alimentícios	**1.115,92**	**750,00**	**-**	**1.832,52**	**1.321,00**	**-**
Total geral	**28.002.882,73**	**29.994.568,17**	**7,11**	**51.644.503,41**	**55.137.697,30**	**6,76**

Fonte: Ceasa/SC.

Tabela 2 – Comparativo de comercialização de produtos no mês de novembro de 2017 com os do mesmo mês do ano anterior, no atacado – Ceasa/SC

Grupo de Produtos	Quantidade (kg) - dezembro		Variação % 2017/2016	Valor (R$ 1,00) - Dezembro		Variação % 2017/2016
	Vol. total 2016	Vol. total 2017		Valor total 2016	Valor. total 2017	
Hortaliças	**15.999.345,49**	**13.990.836,09**	**-12,55**	**25.751.795,37**	**17.098.028,60**	**-33,60**
Folha, flor, e haste	1.635.075,94	1.890.066,65	15,60	2.526.190,24	2.227.955,25	-11,81
Fruto	5.852.131,35	4.724.464,66	-19,27	9.933.812,69	5.536.048,31	-44,27
Raiz, bulbo, tub., rizoma	8.464.771,32	7.292.139,43	-13,85	12.803.227,83	8.561.740,19	-33,13
Importadas	47.366,88	84.165,36	77,69	488.564,61	772.284,85	58,07
Frutas	**16.049.106,73**	**14.811.900,34**	**-7,71**	**27.584.025,87**	**33.212.359,43**	**20,40**
Nacionais	15.608.192,12	14.320.930,79	-8,25	25.692.675,76	31.199.656,08	21,43
Importadas	440.914,61	490.969,56	11,35	1.891.350,11	2.012.703,35	6,42
Aves e ovos	416.469,41	1.081.889,90	159,78	1.231.859,40	4.363.349,93	254,21
Atípicos alimentícios	97.455,97	109.941,84	12,81	198.453,56	462.638,33	133,12
Atípicos não alimentícios	0,00	750,00	-	0,00	1.321,00	-
Total geral	**32.562.377,60**	**29.995.318,17**	**-7,88**	**54.766.134,20**	**55.137.697,30**	**0,68**

Fonte: Ceasa/SC.

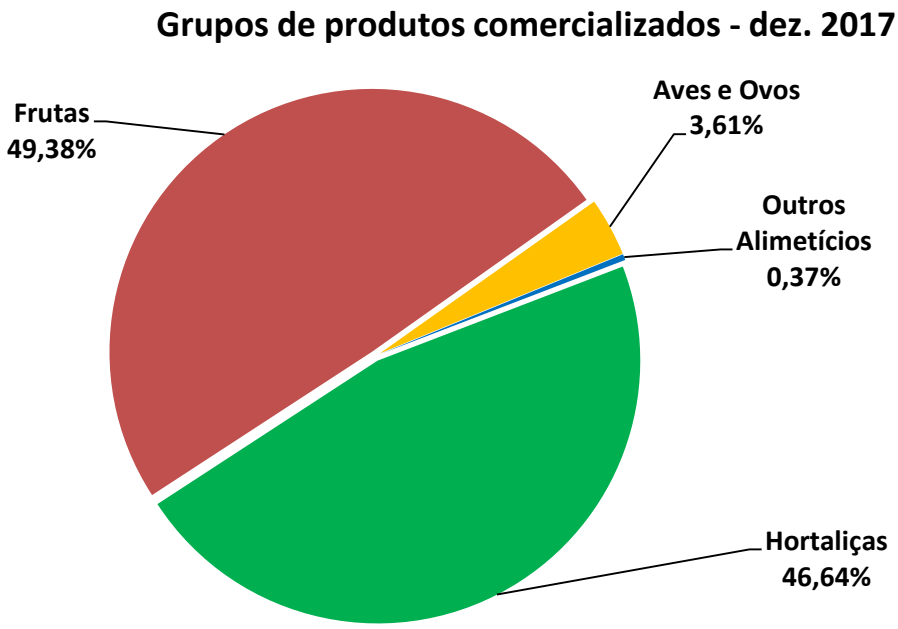


Gráfico 1 – Distribuição percentual por grupo de produtos comercializados – Ceasa/SC

Fonte: Ceasa/SC.

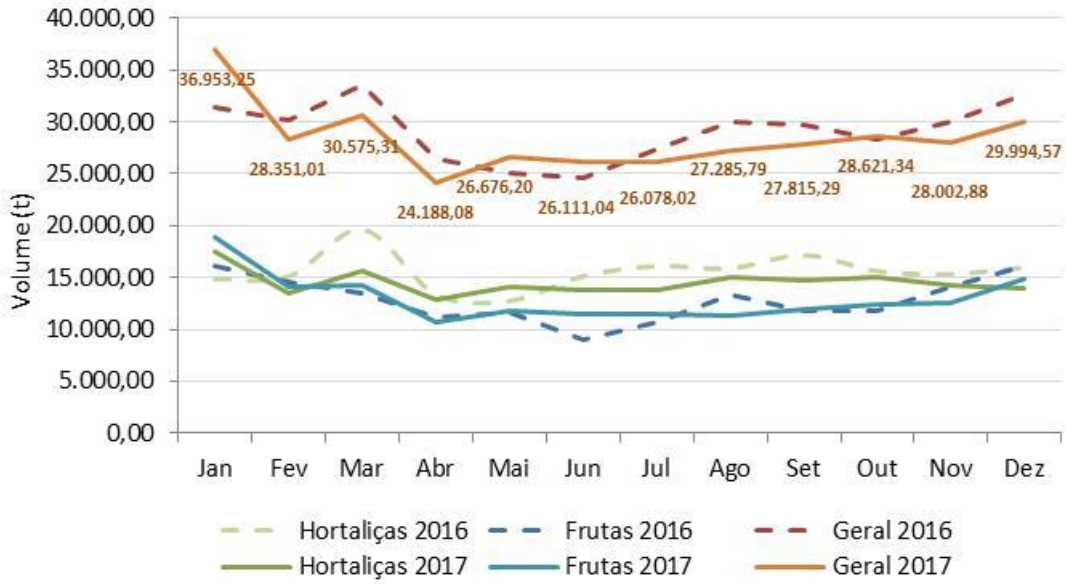


Gráfico 2 – Evolução mensal do volume dos principais grupos de produtos comercializados – Ceasa/SC – 2016 e 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Desempenho financeiro

No mês de dezembro de 2017, o preço médio ponderado, pago por quilo de produto na Ceasa/SC, permaneceu em R$ 1,84. O movimento financeiro foi de aproximadamente R$ 55,1 milhões nas operações comerciais. Este valor ficou 6,76% superior ao do mês de novembro de 2017 (Tab. 1). Já o desempenho financeiro neste mês foi 0,68% superior ao do mesmo período de 2016 (Tab. 2). Os grupos de hortaliças e frutas juntos representaram 91,25% do valor negociado no entreposto, com comercialização de 96,02% do volume ofertado no mês (Tab. 3).

Tabela 3 – Volume, valor da comercialização e preço médio ponderado dos produtos ofertados no atacado – Ceasa/SC – dez. 2017

Grupo de produtos	Oferta		Valor		Preço médio R$/Kg
	Kg	Participação (%)	(R$ 1,00)	Participação (%)	
Hortaliças	**13.990.836,09**	**46,64**	**17.098.028,60**	**31,01**	**1,22**
Folha, flor, e haste	1.890.066,65	6,30	2.227.955,25	4,04	1,18
Fruto	4.724.464,66	15,75	5.536.048,31	10,04	1,17
Raiz, bulbo, tub., rizoma	7.292.139,43	24,31	8.561.740,19	15,53	1,17
Importadas	84.165,36	0,28	772.284,85	1,40	9,18
Frutas	**14.811.900,34**	**49,38**	**33.212.359,43**	**60,24**	**2,24**
Nacionais	14.320.930,79	47,74	31.199.656,08	56,58	2,18
Importadas	490.969,56	1,64	2.012.703,35	3,65	4,10
Aves e ovos	**1.081.889,90**	**3,61**	**4.363.349,93**	**7,91**	**4,03**
Atípicos alimentícios	**109.941,84**	**0,37**	**462.638,33**	**0,84**	**4,21**
Atípicos não alimentícios	**788,14**	**0,003**	**1.369,53**	**0,002**	**-**
Total mensal	**29.995.356,31**	**100,00**	**55.137.745,83**	**100,00**	**1,84**

Fonte: Ceasa/SC.

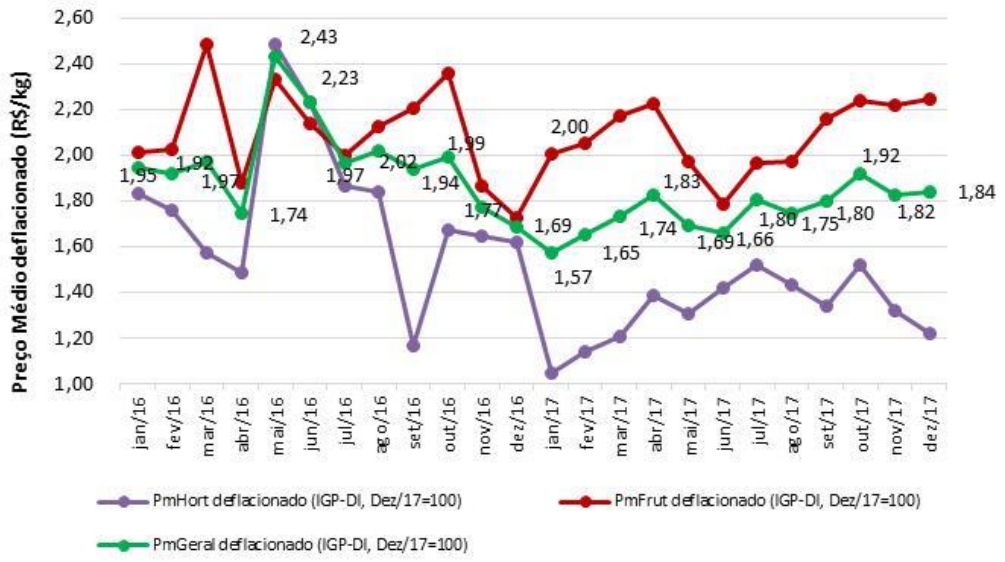


Gráfico 3 – Evolução mensal do preço médio dos principais grupos de produtos comercializados – Ceasa/SC – 2016-17

Fonte: Ceasa/SC.

Banana

O volume de banana comercializado no mês de dezembro de 2017, na Ceasa/SC, foi de 671,7 toneladas. Esta quantidade representou um valor negociado de R$ 1,02 milhão, com redução de 55,1% no comparativo com o mesmo mês do ano anterior. O preço médio da banana foi de R$ 1,52 o quilo, sendo, em média, de R$ 1,41 para a banana-caturra, e de R$ 1,54 para a banana-prata (Gráf. 4 e 5).

Entre novembro e dezembro de 2017, no entreposto catarinense, o preço da fruta comercializada reverte tendência de retração, com valorização de 23,6% para a banana-caturra e 3,8% para a banana-prata. O preço médio da fruta em recuperação, está valorizado 6,6% em relação ao mês anterior. Já, com relação ao mesmo mês do ano anterior, cotação média está 40,2% desvalorizada.

No Norte Catarinense, nos dois últimos meses de 2017 houve valorização dos preços, com redução da oferta devido à diminuição do corte de cachos nos bananais. A expectativa é de recuperação nas cotações, com redução do volume colhido. No Sul Catarinense, a oferta permanece alta, o que pressiona a desvalorização dos preços da banana-prata. Nas principais regiões produtoras do Nordeste brasileiro, a oferta está alta e a demanda, baixa, determinando a desvalorização dos preços, com recuperação prevista apenas para final de fevereiro de 2018, como decorrência do aumento nos níveis dos reservatórios de água para irrigação. Em São Paulo e Santa Catarina, o preço ao produtor tende a aumentar entre novembro e dezembro e diminuir no final do primeiro trimestre do ano seguinte.

No mês de dezembro, a quantidade comercializada foi 25,0% menor à do mesmo mês do ano anterior. Na participação mensal catarinense no volume total, houve redução de 7,6%, com 522,65 toneladas (77,8%) negociadas a R$ 797,3 mil (18,1%). Nos principais municípios, 26,4% do volume total veio de Jacinto Machado; 10,0%, de Luiz Alves, municípios que, juntos, somam mais de 244,66 toneladas, tendo gerado cerca de R$ 371,56 mil da fruta comercializada no entreposto.

No entreposto, houve redução de 16,6% no volume total ofertado em relação ao do mês anterior. A fruta paulista reduziu sua participação em 35,6%, com volume de 135,1 toneladas (20,1%) comercializadas e R$ 201,41 mil negociados (Gráf. 6).

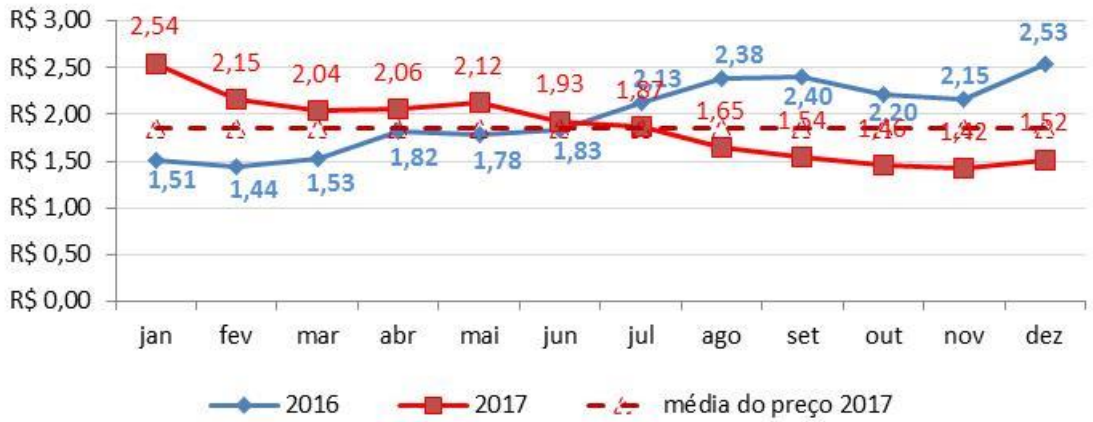
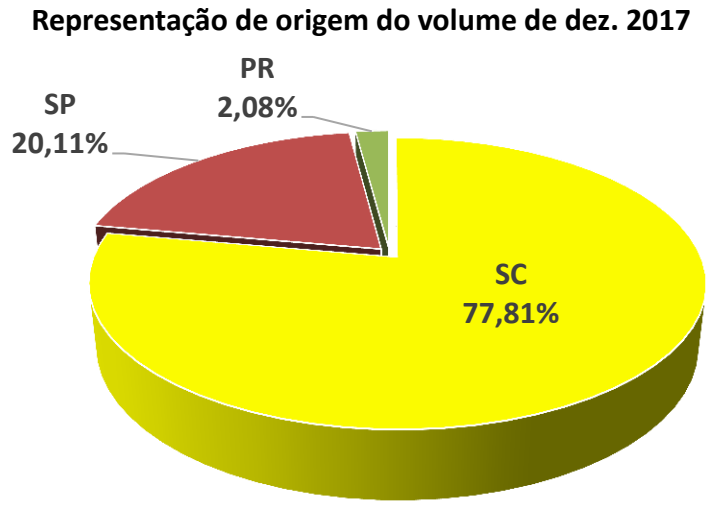


Gráfico 4 – Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo da banana comercializada na Ceasa/SC – 2016-17

Fonte: Ceasa/SC.

Gráfico 5 – Evolução mensal do volume (t) comercializado da banana na Ceasa/SC – 2016-17

Fonte: Ceasa/SC.



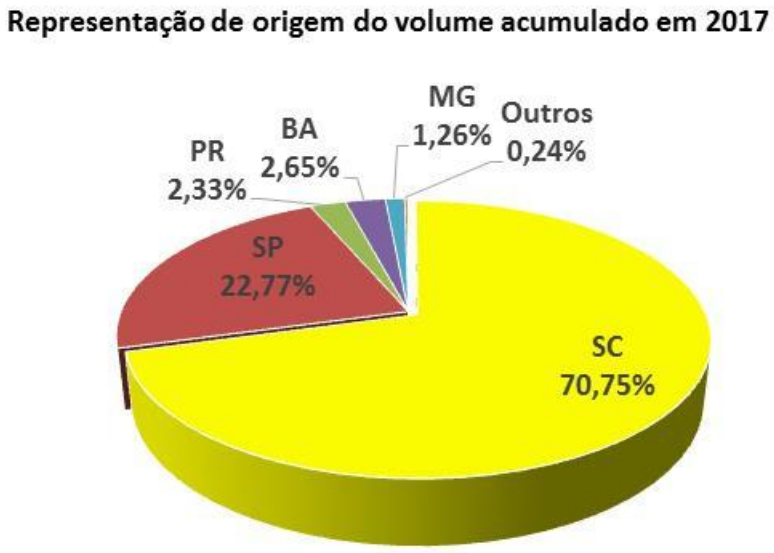


Gráfico 6 – Distribuição percentual da origem da banana comercializada na Ceasa/SC em dezembro e no acumulado de 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Batata-inglesa

Nos últimos dos anos analisados - de 2013 a 2017 -, foram registrados os menores preços da série, confirmando as análises mensais deste boletim ao longo do ano. Na maioria dos meses do ano passado, de janeiro a novembro, os preços médios mensais mantiveram-se inferiores frente aos de 2016; somente em dezembro é que este quadro se alterou (Gráfico 7). O preço médio de 2017, valor corrigido pelo IGP-DI, foi de R$ 1,00/kg, enquanto em 2016 foi de R$ 2,1/kg., confirmando um patamar de preços em torno de 50% inferior ao registrado em 2016 (Gráf. 8). Quanto ao volume comercializado do tubérculo no atacado pela Ceasa/SC (2013-2017), verificamos um padrão de comportamento semelhante entre os anos analisados. Observamos, nos meses de dezembro e janeiro, que apresentam uma elevação significativa em relação aos demais meses. Este comportamento pode ser explicado pelo aumento do consumo nos meses de verão, quando o fluxo de turistas chega a duplicar a população em alguns municípios do litoral.

Quanto à origem do produto nesta central, no que diz respeito aos valores acumulados em 2017, o maior foi o do estado do Rio Grande do Sul com 35% do total; São Paulo e Paraná participaram com 24% cada, e Santa Catarina, com 11% (Gráf. 9). Há espaço para crescimento do produto catarinense para esta central, uma vez que o estado já teve uma produção expressiva do tubérculo.

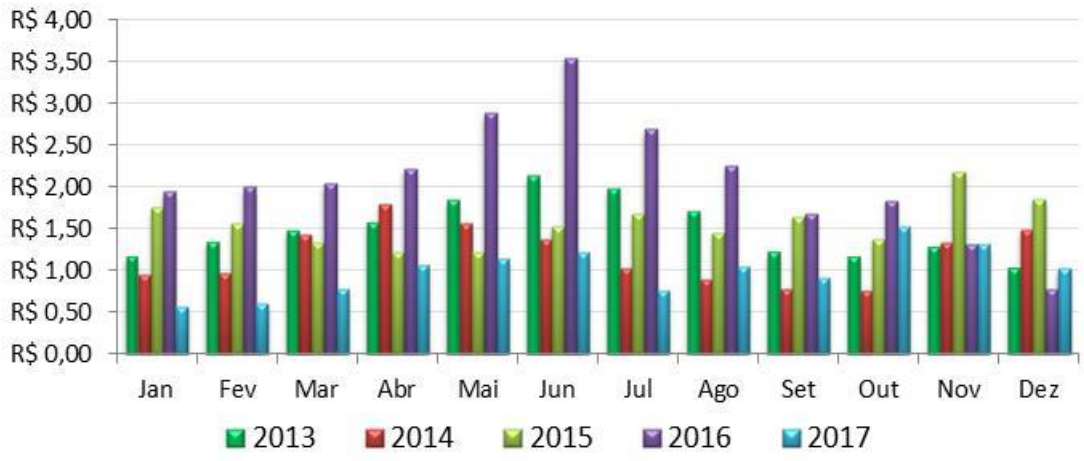


Gráfico 7 – Evolução mensal do preço médio ponderado, nominal por quilo da batata-inglesa na Ceasa/SC – 2013-17

Fonte: Ceasa/SC.

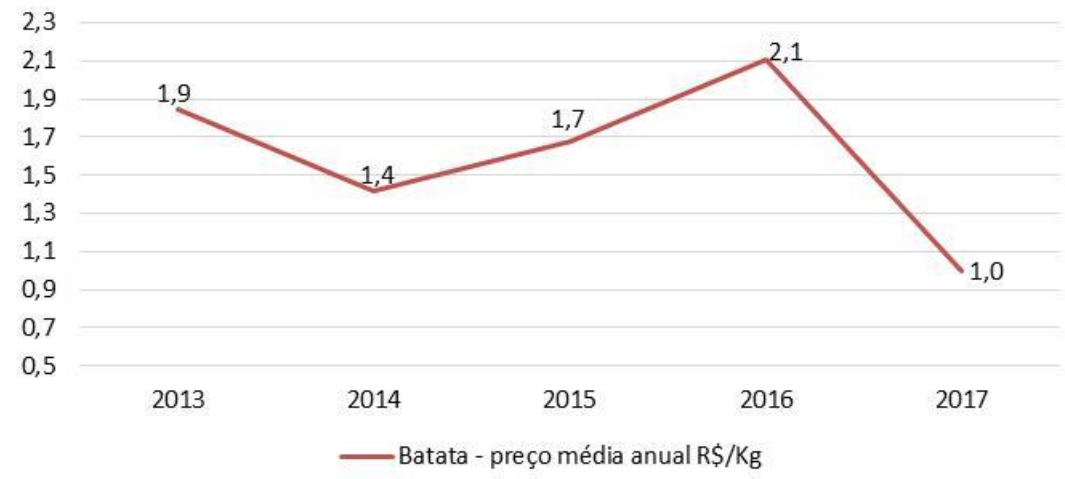


Gráfico 8 – Evolução anual do preço médio da batata-inglesa em R$/kg comercializada na Ceasa/SC – 2013-17

Fonte: Ceasa/SC.

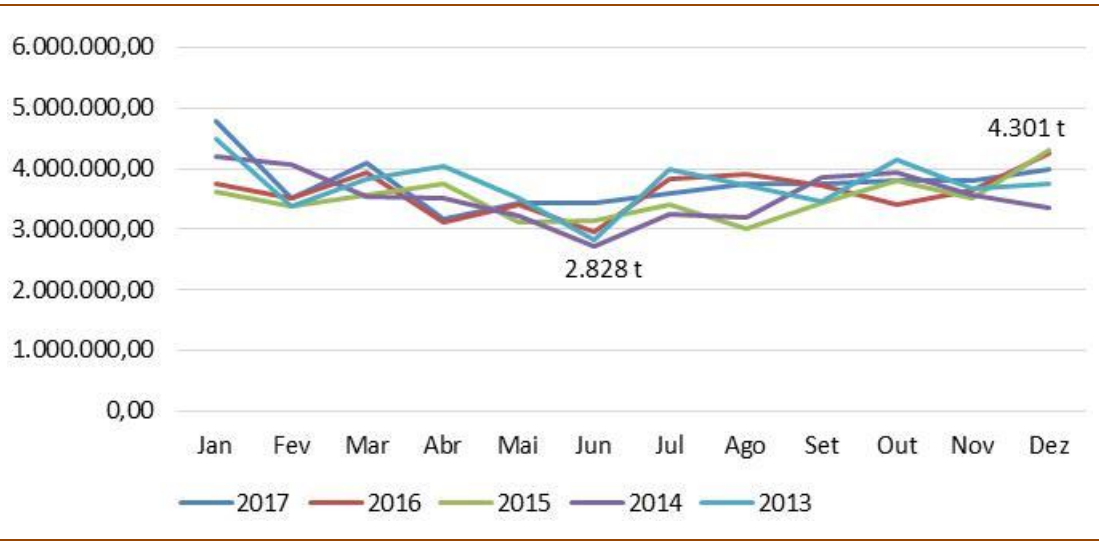


Gráfico 9 – Evolução mensal do volume (t) da batata-inglesa comercializado na Ceasa/SC - 2013-17

Fonte: Ceasa/SC.

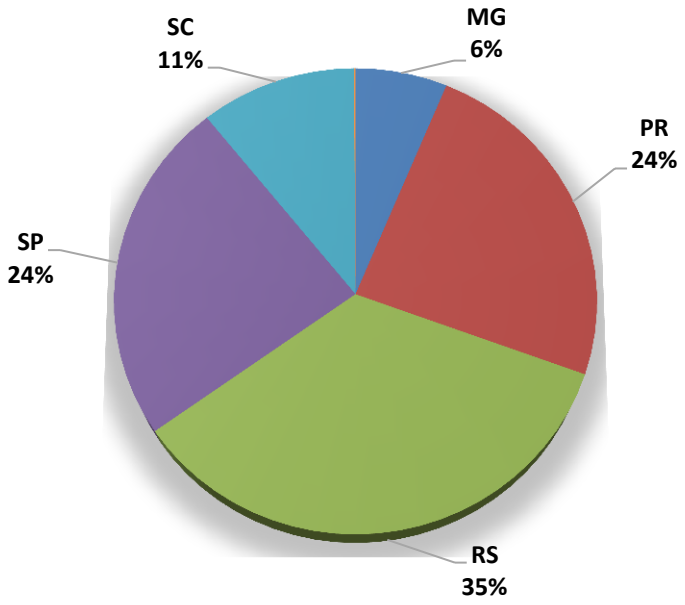


Gráfico 10 – Distribuição percentual da origem da batata-inglesa acumulado em 2017 na Ceasa/SC

Fonte: Ceasa/SC.

Cebola

O volume de cebola comercializado no mês de dezembro de 2017, no atacado da Ceasa/SC, foi de 1.020,99 toneladas, 16,46% a menos que no mês anterior, quando a comercialização foi de 1.270,06 toneladas. O valor deste volume foi de R$ 1.393.380,20, com preço médio de R$ 1,14/kg. No período, o valor se manteve um pouco abaixo do mês de novembro, quando o preço médio ponderado alcançou R$ 1,20/kg - (Gráf. 11 e 12).

A cebola é uma hortaliça que se destaca entre os produtos mais comercializados na Ceasa/SC. Com o início da comercialização da safra 2017/18, o volume da produção catarinense inicia uma curva de retomada de espaço comercial. O volume atingido pela produção catarinense passou de 54,44%, em novembro, para 83%, em dezembro. Ou seja, a comercialização do produto catarinense atingiu no mês, na referida unidade, 1.020,99 toneladas.

Em relação aos preços de atacado (Gráf. 11), dezembro apresentou redução de 5% no preço médio mensal no atacado da Ceasa/SC, conjuntura que deixou os produtores e a cadeia produtiva com preocupações relacionadas à dinâmica e à expectativa de mercado, pois se aproximava o início da comercialização da safra do estado.

Analisando a evolução do volume comercializado em 2016, quando foram comercializadas 18.644,03 toneladas, comparativamente ao do ano de 2017, que foi de 16.012,91 toneladas, constata-se uma redução no volume vendido na unidade da Ceasa (2.613,12 toneladas), o representa 14,01 % a menos no período (Gráf. 12).

Mesmo assim, a unidade da Ceasa/SC desempenha papel importante na viabilização do escoamento dessa produção, com grande participação na agricultura familiar de Santa Catarina, onde mais de 8.000 famílias têm sua renda fortemente baseada nesse produto.

Conforme os dados da área de estatística da unidade (Gráf. 13), de janeiro a dezembro de 2017, 72,27% da cebola comercializada na unidade teve origem em nosso estado. Ou seja, os produtores catarinenses comercializaram 11.572,53 toneladas da hortaliça nesse canal de comercialização.

Portanto, mesmo com uma relativa redução no volume em relação ao comercializado no ano anterior, a unidade constitui uma estrutura logística e centro de comercialização importante no apoio e acesso ao mercado para a produção catarinense. Em relação aos

estados que comercializam o produto na unidade de São José, a distribuição no período de janeiro a dezembro/17 foi a seguinte: São Paulo, com 9,00 % do volume total comercializado; Minas Gerais, com 7,6%; Goiás, com 5,93%; Bahia com 2,62%; outros estados, com 2,58%.

A produção catarinense, no mês em análise, teve origem em 16 municípios, dentre os quais vale destacar Alfredo Wagner, Angelina, Rancho Queimado, Águas Mornas, Ituporanga e Imbuia, que, juntos, contribuíram com mais de 95,51% do volume comercializado no mês de dezembro de 17 (Tab. 4).

Tabela 4 – Municípios de origem da cebola catarinense comercializada na Ceasa/SC – USJ – Dez. 2017

Município	Volume (kg)	%
Alfredo Wagner	548.000,00	53,69
Angelina	155.340,00	15,20
Rancho Queimado	105.100,00	10,30
Aguas Mornas	68.060,00	6,67
Ituporanga	52.800,00	5,17
Imbuia	45.800,00	4,48
Demais municípios	45.890,00	4,49
Total	**1.020..990,00**	**100,00**

Fonte: Ceasa/SC.

A participação quantitativa de Santa Catarina e dos outros estados da Federação no abastecimento da cebola comercializada na Ceasa/SC, em volume, no período de janeiro a dezembro de 2017, pode ser vista na tabela 5.

Tabela 5 – Volume e origem da cebola comercializada na Unidade da Ceasa/SC – Jan./Dez. 2017

Vol./Val.	SC	BA	MG	SP	PE	PR	RS	GO	Total
Toneladas	11.572,5	418,4	1.361	1.138,5	55,0	152,98	270,3	1.044,2	16.012,91

Fonte: Ceasa/SC.

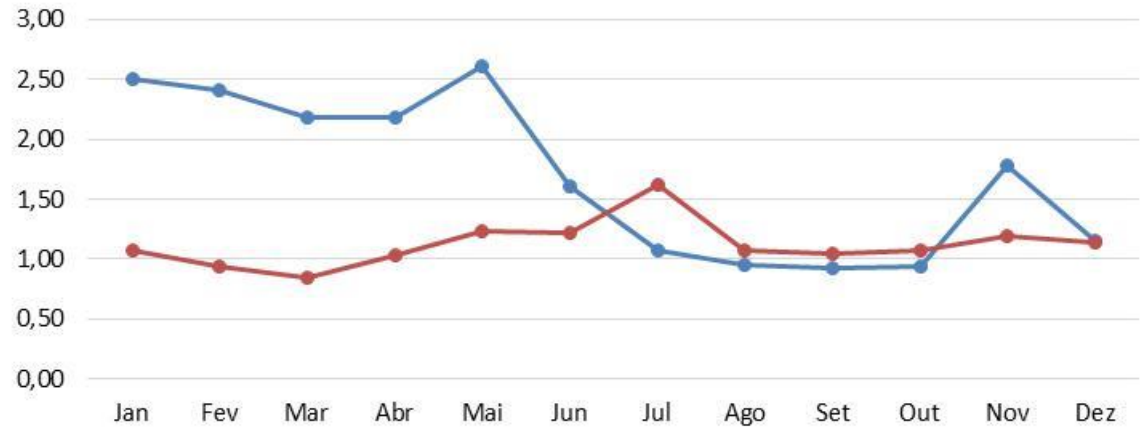


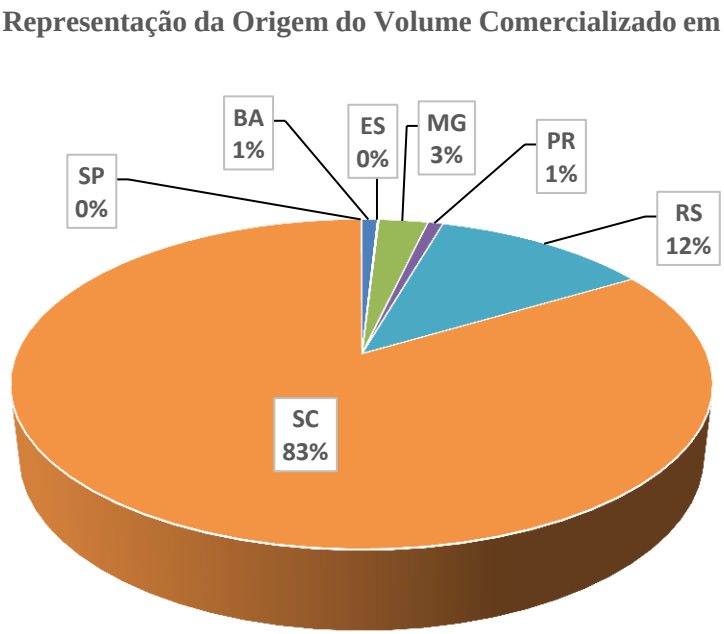
Gráfico 11 – Evolução do preço de atacado na Ceasa/SC - (R$/Kg) – 2016 e jan./dez. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Gráfico 12 – Representação do montante comercializado de jan./dez. 2017(t) – Ceasa/SC

Fonte: Ceasa/SC.

Nos gráficos abaixo, apresentamos a origem e o percentual do volume da cebola comercializada na Ceasa/SC no mês de dezembro, e o acumulado de janeiro a dezembro/2017.



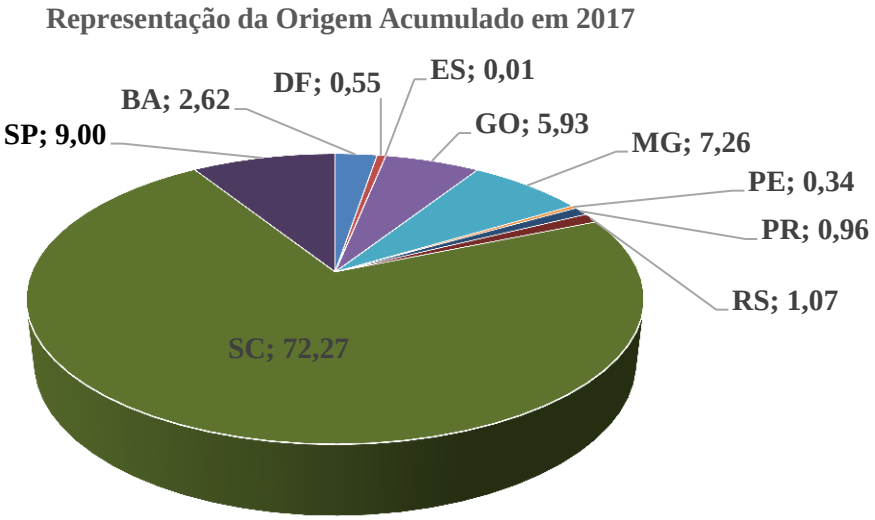


Gráfico 13 – Distribuição percentual da origem da cebola na Ceasa/SC em Dezembro e acumulado jan. dez. - 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Maçã

O volume de maçã comercializado no mês de dezembro de 2017 no atacado da Ceasa/SC foi de 1.076 toneladas, 5,7% a menos que no mesmo mês em 2016, representando um valor negociado de R$ 3,15 milhões, com redução de 15,8% nos valores comercializados no ano anterior. O preço médio da maçã foi de R$ 52,77 a caixa de 18 quilos, assim distribuído: R$ 44,42 a caixa de 18 quilos para a maçã Fuji e R$ 51,78 para a maçã Gala (Gráf. 14 e 15).

No entreposto, o preço médio da fruta fresca precoce da safra 2017/18 e de estoques da safra passada, seguindo a tendência de alta, valorizou de 28,9% em relação à cotação de novembro de 2017 e 29,8% em relação ao preço médio anual de R$ 40,67 a caixa de 18 quilos. Com alta participação de maçãs cat. 2 e cat. 3 de volumes comercializados, o preço médio na central catarinense ficou abaixo da média do mercado atacadista paulistano que apresenta maior participação de maçãs cat. 1. Em dezembro, a maçã Fuji reverteu a tendência, com a valorização de 11,0% nas cotações, junto com a maçã Gala, que teve sua cotação valorizada em 11,5% em relação à do mês de novembro de 2017. Mas, o preço médio da maçã, em dezembro, está 10,8% menor que o do mesmo período do ano anterior.

Durante o segundo semestre de 2017, o clima manteve-se seco, com a presença de geadas. Entre novembro e dezembro, o calor intenso e a baixa incidência de chuvas afetaram o desenvolvimento (enchimento) das frutas nos pomares. Com isso, mesmo com elevada amplitude térmica, determinante para uma melhor coloração, as maçãs da safra 2017/18 devem apresentar calibres menores (classe entre 135 e 216), com predominância de frutas miúdas.

Em dezembro de 2017, a quantidade comercializada da fruta embalada de origem catarinense foi 11,8% menor que no mês anterior, com volume de 737,83 toneladas, gerando um valor maior que R$ 1,9 milhão negociado. Desse volume, 70,6% são oriundos dos municípios de São Joaquim; 17,6%, de Fraiburgo e 4,1%, de Urubici, os quais, juntos, representaram 91,1% (R$ 1,79 milhão) do total catarinense negociado no mês.

O volume total mensal comercializado na Ceasa/SC foi 0,2% menor que a quantidade negociada no mês anterior. A maçã gaúcha aumentou sua participação em 13,5% em

relação ao mês anterior, enquanto a maçã (precoce) oriunda de São Paulo ampliou sua participação, no mesmo período, em 51,3%. Já a fruta importada, principalmente da Argentina, representou 4,4% do volume total e 8,0% do valor negociado, com preço médio de R$ 102,13 a caixa de 19 quilos (Gráf. 16).

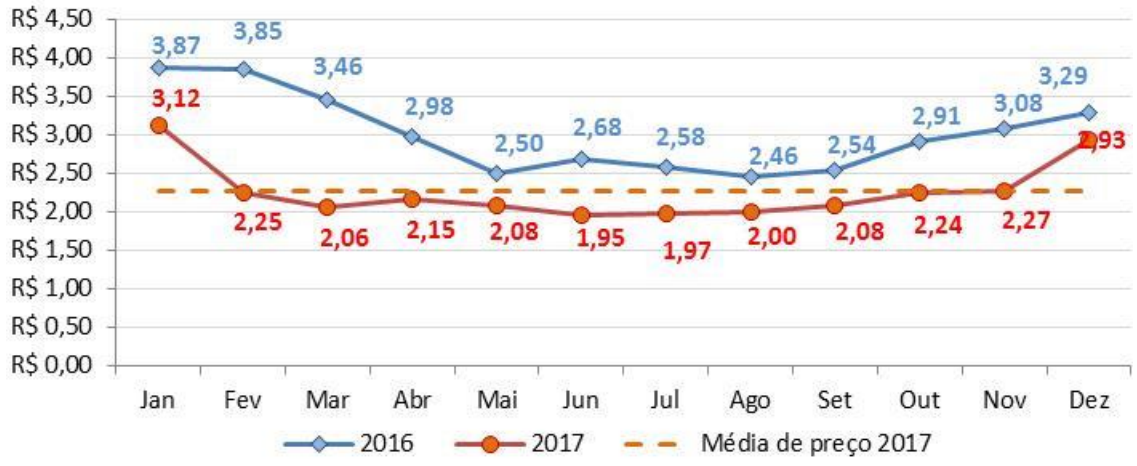


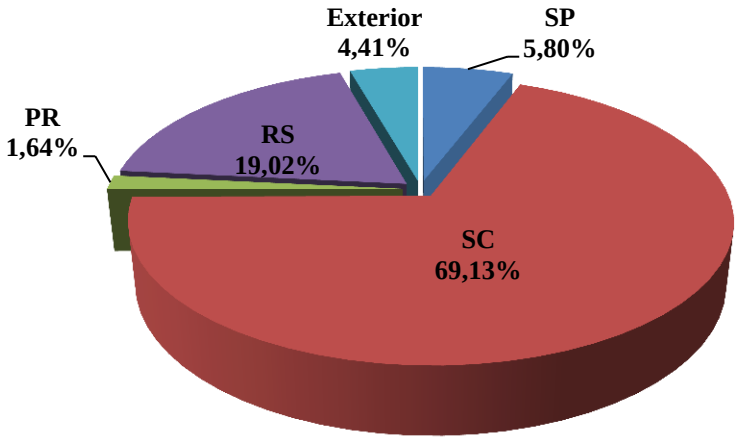
Gráfico 14 – Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo de maçã na Ceasa/SC – 2016 e jan./nov. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Gráfico 15 – Evolução mensal do volume (t) de maçã comercializado na Ceasa/SC – 2016 e jan./nov. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Representação de origem do volume de Dez. 2017



Representação de origem do volume acumulado em 2017

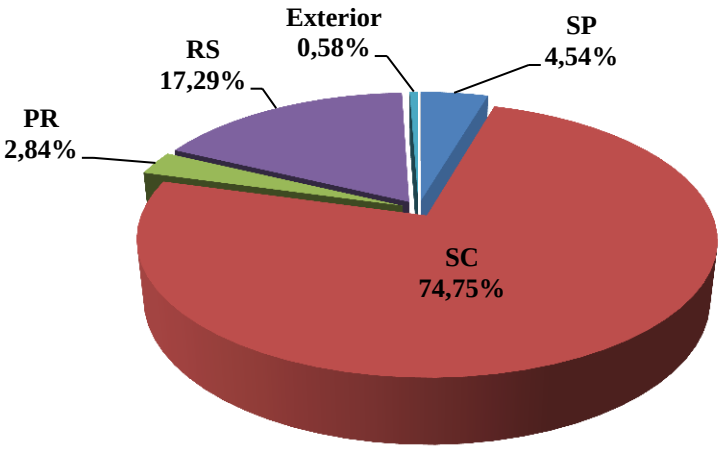


Gráfico 16 – Distribuição percentual da origem da maçã comercializada na Ceasa/SC em dezembro e acumulado de 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Tomate longa vida

O volume de tomate comercializado no atacado da Ceasa/SC, no mês de dezembro de 2017, foi de 2.171 toneladas, 26% a menos que no mês correspondente de 2016. Este comportamento aconteceu em grande parte do ano passado, desde março, com comercialização de volumes menores nesta central em relação aos registrados em 2016. O volume comercializado representou, no mês, um valor de R$ 2.779.904,00, a um preço de R$ 1,28/kg (Gráf. 17 e 18).

A variação dos preços do tomate apresentou uma grande oscilação desde junho de 2016; no mês em análise (dezembro), registrou variação de R$ 1,28/kg para R$ 2,46/kg em julho. Esta oscilação no mercado pode ser explicada pelo clima, uma vez que, nas principais regiões produtoras (interior de São Paulo e outros), foram registradas altas temperaturas e estiagem em alguns períodos desde julho, provocando concentração da oferta em algumas semanas e diminuição em outras (HF- Cepea/USP[2]). Segundo informações de alguns comerciantes desta central, a queda no volume comercializado está em função da diminuição da procura do produto, ou seja, as vendas apresentaram retração, permanecendo abaixo dos volumes de 2016. Do produto comercializado nesta central, os valores acumulados em 2017, 60% tiveram origem no estado, seguidos pelo Espírito Santo, com 25%. A participação de outros estados diminuiu consideravelmente a partir de outubro, com a entrada da safra catarinense. Este fato pode explicar, em parte, a queda dos preços de outubro para novembro, com a produção mais próxima da Ceasa e centro consumidores.

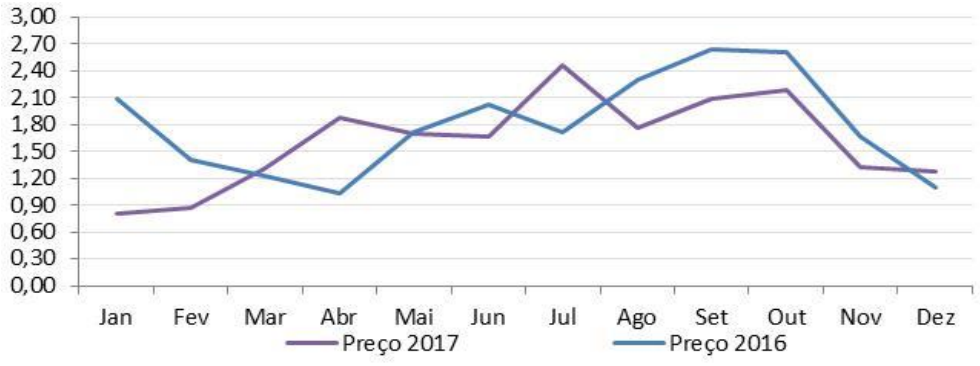


Gráfico 17 – Evolução mensal do preço médio (R$) do Kg do tomate Longa Vida comercializado na Ceasa/SC no período de 2016-17

Fonte: Ceasa/SC.

[2]http://www.hfbrasil.org.br/br/tomate-cepea-calor-em-excesso-acelera-colheita-em-mogi-guacu-1.aspx

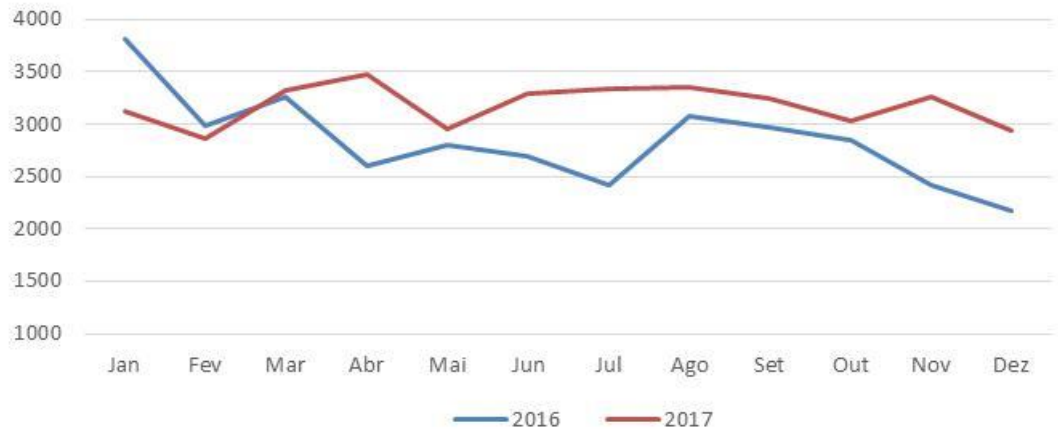


Gráfico 18 – Evolução mensal do volume (t) do tomate comercializado na Ceasa/SC – 2016-17

Fonte: Ceasa/SC.

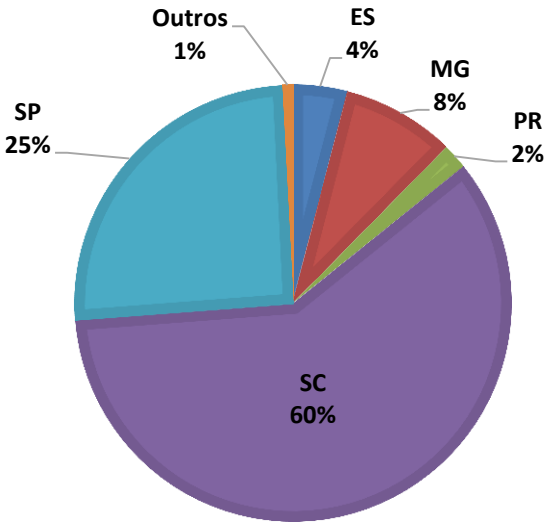


Gráfico 19 – Representação de origem de Tomate Longa vida, volume percentual acumulado por estado em 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Resumo expandido

Diversidade de espécies e vegetais comercializados “na pedra” da Ceasa/SC - unidade de São José

Caroline B. Zanatta[3];
Daniel F. Holderbaum[4];
Albanez S. de Sá[5];
Haroldo T. Elias[6];
Rubens O. Nodari[7]

Introdução

Em Santa Catarina, estado caracteristicamente constituído pela Agricultura Familiar, é importante que existam o fomento e a implementação de políticas públicas pela Secretaria da Agricultura, e outros órgãos estaduais, juntamente com a Ceasa/SC, com vistas a estimular e a valorizar iniciativas de agricultores e cooperativas agrícolas para o cultivo e comercialização de uma maior diversidade de espécies alimentícias e cultivares, incluindo espécies nativas e subutilizadas, estimulando não apenas a formação e ampliação de cadeias produtivas, mas também a diversificação de dietas e padrões alimentares junto às populações consumidoras.

Neste sentido, realizou-se, durante o inverno de 2017, um estudo exploratório descritivo baseado em visitas e entrevistas *in loco* na Ceasa, unidade São José, visando a identificar e estimar a diversidade de espécies e variedades vegetais ali comercializadas, bem como a identificar fatores de influência nesta diversidade.

Metodologia

Foram entrevistados 97 agricultores/comerciantes que se dispuseram e consentiram em participar da pesquisa de modo voluntário. A coleta de dados foi realizada em doze

[3] Engenheira-agrônoma e pós-graduanda em Recursos Genéticos Vegetais, Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rodovia Admar Gonzaga, 1.346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88034-100, Florianópolis/SC, Brasil.
[4] Doutor em Recursos Genéticos Vegetais, Departamento de Fitotecnia, Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rodovia Admar Gonzaga, 1.346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88034-100, Florianópolis/SC, Brasil.
[5] Engenheiro-agrônomo. Diretor Técnico – Ceasa/SC.
[6] Engenheiro-agrônomo. Dr. em Produção Vegetal. Agente de Pesquisa – Analista de Socioeconomia e Desenvolvimento Rural. Epagri/Cepa.
[7] Professor titular, Departamento de Fitotecnia, Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rodovia Admar Gonzaga, 1.346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88034-100, Florianópolis/SC, Brasil.

visitas distribuídas nos meses de julho, agosto e setembro, em diferentes dias da semana.

Como abordagem e ferramenta de pesquisa, utilizou-se de um questionário que incluía perguntas qualitativas e quantitativas sobre as espécies/variedades comercializadas e sobre parâmetros relativos à propriedade rural.

Os agricultores/comerciantes foram questionados se as espécies e variedades eram produção própria ou se comercializavam a produção de vizinhos. Abordaram-se questões referentes ao sistema de cultivo utilizado; o tamanho da propriedade; o meio de obtenção de sementes ou mudas e a substituição de uma espécie ou variedade no último ano.

Questionou-se sobre se o agricultor/comerciante planta alguma variedade ou espécie que consome, mas que não possui "valor comercial" e, se consome os mesmos produtos que comercializa.

Resultados e discussão

Os dados obtidos foram analisados estatisticamente para estimar medidas de tendência central e de dispersão. As análises foram realizadas na linguagem R, e os dados obtidos foram submetidos à análise de modelos lineares (ANOVA e regressão polinomial). Os resultados obtidos apontam que a diversidade de espécies e variedades vegetais oferecidas durante o inverno no Ceasa/SC São José tem influência geográfica/cultural, ou seja, existe uma relação entre a diversidade e o município de origem da produção agrícola comercializada. Fatores comunitários, como a comercialização de alimentos de vizinhos quando associada à produção própria também influíram significativamente na diversidade de espécies e variedades amostradas, evidenciando ganhos em relação à comercialização exclusivamente de produção própria.

Este estudo identificou 47 espécies comercializadas na Pedra, distribuídas em 20 famílias botânicas, sendo 36 % nativas das América (Tabela 1).

Os itens mais citados foram: a couve-flor, o brócolis, o repolho e o limão. A diversidade de espécies e variedades encontradas na Ceasa/SC durante o período de inverno diferiu entre os municípios de origem da produção amostrados, sendo observando-se que as médias de riqueza encontradas para os municípios variaram de três a oito espécies, e de três a nove variedades, por dia, por agricultor/comerciante.

Além disso, para os carregamentos de exclusiva produção própria foram encontradas cinco espécies e seis variedades, em média, enquanto para carregamentos que combinavam produção própria com produção de vizinhos, foram encontradas, em média, de sete espécies e oito variedades. A diversidade de espécies/variedades de vegetais encontradas durante o inverno de 2017 na Ceasa/SC pode ser considerada baixa.

A baixa diversidade detectada preocupa, pois, sabe-se que as cultivares atualmente adotadas apresentam, em geral, base genética estreita, sendo predominantes em áreas extensas, onde o cultivo é majoritariamente composto por uma ou poucas cultivares geneticamente uniformes (BRUSH, 2000).

No contexto de cultivo de uma ou poucas variedades, qualquer epidemia de praga ou doença, ou mesmo de efeito climático adverso, compromete sobremaneira a produtividade, bem como a produção. Assim, em decorrência da vulnerabilidade genética, existem sérios riscos para estes sistemas agrícolas, tanto em termos de espécies, quanto de variedades dentro de espécies.

A proximidade dos municípios amostrados (Antônio Carlos, Águas Mornas, Angelina, Anitápolis, Alfredo Wagner, Biguaçu, Imbituba, Joinville, Lages, Palhoça, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Joaquim, São Martinho, São Pedro de Alcântara) e a predominância do cultivo de poucas espécies e variedades/cultivares de cada espécie trazem riscos para a atividade agrícola como um todo e para comercialização de alimentos na Ceasa/SC.

De fato, a alta dependência de uma estreita base genética de poucas variedades favorece a ocorrência de epidemias, em razão da suscetibilidade do material genético, e da maior suscetibilidade a epidemias e da menor resiliência, ou da capacidade de adaptação e enfrentamento de estresses bióticos e perturbações abióticas (NODARI; GUERRA, 2014).

Já está bem estabelecido que a diversidade de espécies e a adoção de sistemas agrícolas mais complexos podem viabilizar, além da convivência das plantas cultivadas com inimigos naturais - devido ao maior equilíbrio do sistema -, uma maior eficiência no uso dos recursos dentro do agroecossistema. Além disso, a diversidade propicia, ao longo do tempo, maior rendimento econômico, no sentido de o agricultor poder se beneficiar de espécies que antes eram subutilizadas ou negligenciadas e portanto, as valorizar (LOPES, 2014).

Tabela 6 - Espécies encontradas para comercialização "na pedra" dados coletados de 97 participantes, no período de inverno, Florianópolis/ SC - Brasil, 2017

Espécies	Nome popular	Número de observações	Variedades/ média por carregamento	Volume/ médio/dia	Produção própria (%)	Produção de terceiros (%)
Passiflora spp.	Maracujá	2	1	200 caixas	50	50
Capsicum annuum	Pimentão	6	1,3	108 caixas	83	17
Musa spp	Banana	2	1,5	44 caixas	100	0
Solanum lycopersicum	Tomate	16	1,5	40 caixas	100	0
Malus domestica	Maça	1	1	40 caixas	100	0
Citrus reticulata Blanco	Tangerina	5	1	39 caixas	60	40
Arracacia xanthorrhiza	Batata-salsa	22	1	38 caixas	91	9
Citrus sinensis	Laranja	5	1	33 caixas	100	0
Sechium edule	Chuchu	12	1,1	30 caixas	67	33
Daucus carota	Cenoura	12	1,1	29 caixas	75	25
Solanum melongena	Berinjela	9	1	24 caixas	89	11
Ipomoea batatas	Batata-doce	19	1,16	23 caixas	85	5
Cucumis sativus	Pepino	3	1	21 caixas	67	33
Beta vulgaris esculenta	Beterraba	14	1	20 caixas	72	28
Discorea ssp	Cará	6	1	19 caixas	83	17
Smallanthus sonchifolius	Yacon	3	1	15 caixas	100	0
Cucurbita pepo	Abobrinha	21	1	13 caixas	95	5
Manihot utilíssima	Mandioca	11	1,18	13 caixas	82	18
Curcuma longa	Cúrcuma	1	1	12 caixas	100	0
Xanthosoma taioba/Colocasia esculenta	Taioba/Inhame	6	1	12 Caixas	83	17
Abelmoschus esculentus	Quiabo	1	1	10 caixas	100	0
Zingiber officinale	Gengibre	9	1	8 caixas	78	22
Citrus limonia	Limão	30	1	5 caixas	90	10
Raphanus sativus	Rabanete	9	1	5 caixas	89	11
Brassica rapa	Nabo	6	1,3	5 caixas	100	0
Capsicum ssp	Pimenta	2	4	3 caixas	50	50
Coriandrum sativum	Coentro	1	1	1caixa	100	0
Solanum gilo	Jiló	1	1	1/2 caixa	100	0
Brassica oleracea var. itálica	Brócolis	55	1,13	462 unidades	88	12
Lactuca sativa	Alface	11	1,4	322 unidades	91	9
Brassica oleracea var. capitata	Repolho	35	1,23	308 unidades	86	14
brassica oleracea var. botrytis	Couve-flor	49	1	300 unidades	95	5
Cucurbita maxima	Abóbora	12	1,3	292 unidades	92	8
Allium fistulosum	Cebolinha	4	1	200 unidades	75	25
Eruca sativa	Rúcula	2	1	185 unidades	50	50
Brassica pekinensis	Acelga	17	1	127 unidades	88	12
Petroselinum crispum	Salsa	8	1	127 unidades	88	12
Brassica oleracea var. acephala	Couve folha	7	1	110 unidades	72	28
Rosmarinus officinalis	Orégano	1	1	100 unidades	0	100
Thymus vulgaris	Tomilho	1	1	80 unidades	0	100

Phaseolus vulgaris	Feijão vagem	5	1	48 sacos	100	0
Allium cepa	Cebola	3	1	40 sacas	67	33
Zea mays	Milho	4	1	22 sacos	100	0
Solanum tuberosum	Batata	2	1,5	18 sacos	100	0
Fragaria spp	Morango	15	1,13	123 bandejas	80	20
Pisum sativum	Ervilha	12	1	85 bandejas	83	17
Araucaria angustifolia	Pinhão	3	1	340 kg	100	0
Fonte: Autora.						

Conclusão

Os resultados apontam influência da origem geográfica na produção agrícola dentro do estado, bem como a venda de alimentos de vizinhos para a diversidade de espécies e variedades vegetais oferecidas durante o inverno na Ceasa/SJ. Os dados coletados variaram de acordo com o município de origem da produção, bem como com o período e dias da semana em que a coleta se realizou; além disso, a suficiência amostral pode ter influído na diversidade encontrada. Entretanto, sugere-se, que em próximos estudos, o esforço amostral seja de quinze observações por município, pela possibilidade de incluir um maior número de espécies.

Referências

BRUSH, Stephen B. **"Genes in the field: on-farm conservation of crop diversity".** Estados Unidos da América: Lewis Publishers, 2000 (288 p). Disponível em: <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/handle/10625/32583>. Acesso em: 7 nov. 2017.

NODARI, Rubens Onofre; GUERRA, Miguel Pedro. Agrobiodiversidade em um cenário de mudanças: agricultura, meio ambiente, bio(ins)segurança alimentar e sistemas agrícolas sustentáveis. In: LEITE, José Rubens Morato; PERALTA, Carlos E. (Org.). **Perspectivas e desafios para a proteção da biodiversidade no Brasil e na Costa Rica**. 2014. Cap. 12. p. 288-312.

LOPES, Paulo Rogério. **A biodiversidade como fator preponderante para a produção agrícola em agroecossistemas cafeeiros sombreados no Pontal do Paranapanema.** 2014. 172 f. Tese (Doutorado) - Curso de Centro Luiz de Queiroz - Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Downloads/Paulo_Rogerio_Lopes_versao_revisada.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2017.

Para maiores informações entrar em contato com:

Ceasa/SC
www.ceasa.sc.gov.br
(48) 3378-1700

André Martins de Medeiros – Engenheiro-Agrônomo – Ceasa/SC
e-mail: andre@ceasa.sc.gov.br
Telefone: (48) 3378-1707

Epagri/Cepa
www.cepa.epagri.sc.gov.br
(48) 3665-5078

Rogério Goulart Junior – Economista, Dr. – Epagri/Cepa
e-mail: rogeriojunior@epagri.sc.gov.br
Tel.: (48) 3665-5448

Apoio: Associação dos Usuários Permanentes da Ceasa/SC